

CORDEL SOBRE “CAROLINA MARIA DE JESUS” EM SALA DE AULA: uma contribuição à formação leitora

Maria Alzirene Nascimento Silva ¹ , Eliana Vianna Brito Kozma ¹ 

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de leitura do gênero cordel, focando o cordel, publicado por Jarid Arraes (2017), acerca da história de vida de Carolina Maria de Jesus, visando ao enriquecimento das práticas pedagógicas em sala de aula sob uma perspectiva decolonial, antirracista. Como fundamentação teórica, adotamos a abordagem sociocognitiva de leitura que assevera ações para contemplar uma formação leitora mais proficiente, prazerosa e autônoma. Como resultados, esperamos que as vozes manifestadas de cada aluno possam se tornar referências para uma atuação que despreze atitudes preconceituosas e acolha diversos momentos socioculturais, contribuindo para uma identidade negra mais soberana em sala de aula por meio da leitura e discussão acerca do cordel. Esta proposta de leitura contribuirá para que se possa estimular cada vez mais o trabalho educacional que vai além de conteúdos pré-estabelecidos pelos currículos e matrizes. Esperamos que o enriquecimento da aula com leitura de cordéis seja um estímulo para os alunos a fim de que possam alcançar seus verdadeiros anseios e aprender, ludicamente, a ressignificar o que ouvem, o que falam, o que fazem e o que sentem.

Palavras-chave: Decolonialidade, Cultura afro-brasileira, Aprendizagem lúdica, Formação leitora, Cordel

CORDEL ABOUT “CAROLINA MARIA DE JESUS” IN THE CLASSROOM: a contribution to reader development

ABSTRACT

The objective of this article is to present a didactic proposal for reading development, focusing on the "cordel" genre, by examining a cordel published by Jarid Arraes (2017) and which is centered on Carolina Maria de Jesus's life history. The aim is to enrich pedagogical practices in the classroom from a decolonial, anti-racist perspective. As our theoretical foundation, we adopt the socio-cognitive approach to reading which proposes actions that promote a more proficient, enjoyable, and autonomous reader development. As outcomes, we hope that each student's manifested voice can become truly valued references in the context of an approach that rejects prejudiced attitudes and embraces diverse socio-cultural moments, thus contributing to a more sovereign Black identity in the classroom by reading and discussing the cordel. We also hope that this reading proposal can contribute to stimulate educational work that goes beyond contents that are pre-established by curricula and common bases. We hope that enriching the class with the cordel genre may stimulate students so that they can achieve their true desires and learn, in a playful ludic manner, to reframe what they hear, say, do and how they feel.

Keywords: Decoloniality, Afro-Brazilian culture, Ludic learning, Reading education. Cordel genre.

¹ Universidade de Taubaté

Autor Correspondente: Maria Alzirene Nascimento Silva

E-mail: : mariaalzirene35@gmail.com

Recebido em 11 de Junho de 2023 | Aceito em 16 de Fevereiro de 2024.

INTRODUÇÃO

O problema que levou à concretização deste trabalho foi a escassez de ações que permitam aos alunos o acesso à cultura afro-brasileira em sala de aula, visto que algumas escolas ainda estão distantes de alcançarem um efeito que contemple as reais necessidades para a formação leitora. Este trabalho leva em consideração o que é direito por lei aos alunos de todas as etnias e culturas do território nacional, mas que lhes foi negado, para favorecer uma formação voltada aos modismos e costumes do homem branco europeu, ou seja, uma formação colonialista, eurocêntrica, hegemônica, que menospreza as manifestações culturais negras e indígenas. Como sabemos, a lei 10.639/03, ampliada pela lei 11.645/08, garante a obrigatoriedade do ensino de história, da cultura africana, afro-brasileira e indígena em sua totalidade nas escolas brasileiras. No entanto, passados vinte anos, infelizmente poucas escolas públicas e privadas, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio, colocam em prática a legislação educacional, dificultando, assim, a construção de uma sociedade com mais igualdade, equidade e valorização dos aspectos sócio-histórico- culturais da população negra e dos povos originários.

Ademais, ao pensarmos nos estudos decoloniais, deparamo-nos com a urgência do desenvolvimento de um trabalho que procure

desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade – estruturas até agora permanentes – que mantêm padrões de poder enraizados na racialização, no conhecimento eurocêntrico e na inferiorização de alguns seres como menos humanos” (Walsh, 2009, p.24).

O objetivo deste artigo é ampliar as possibilidades de leituras significativas em sala de aula por meio de atuações dos alunos na leitura do cordel que explora raízes da África em solo brasileiro. Por meio da leitura do cordel “Carolina Maria de Jesus”, objetivamos fazer com que o aluno esteja não só envolvido com a atmosfera literária nas aulas de Língua Portuguesa, como também reconheça a pluralidade étnico-racial que nos constitui como brasileiros.

Como fundamentação teórica acerca da leitura, pautamo-nos na abordagem sociocognitiva, por direcionar formas de preparar e conduzir uma aula com práticas de leitura que valorizam a cultura afro-brasileira e o contexto sócio-histórico.

Daí a necessidade de o professor se preparar melhor e se apropriar do exercício que contribui com a inclusão desse grupo. Dessa forma, pode-se ativar o conhecimento de mundo, uma vez que o leitor está em constante relação com os saberes exigidos e utilizados pelo autor das histórias narradas. Rojo (2004, p. 5) postula que “caso esta sincronidade falhe, haverá uma lacuna de compreensão, que será preenchida por outras estratégias, em geral de caráter inferencial”.

Os procedimentos metodológicos sugeridos têm como ponto de partida o preparo individual do professor mediador para ler com os alunos o cordel “Carolina Maria de Jesus” (Arraes, 2017). Além da valorização da história de Carolina Maria de Jesus, este cordel foi escolhido pelo fato de possuir efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, ou seja, que correspondem às formas de comunicação do corpo, gestos, condução da fala, etc., bem como variações linguísticas da nossa Língua Portuguesa, que podem ser identificadas pelo grupo de alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, escolhido para posterior aplicação desta proposta de leitura.

Espera-se como resultados que as grades curriculares dos cursos de formação de professores possam também se apropriar das múltiplas formas de ensinar e aprender, considerando a sua cultura natural originária. Dessa maneira, a formação do profissional em diversos cursos de licenciatura poderá abordar a riqueza que é se servir das histórias de um povo que contribuiu e ainda contribui para que se mantenha a dignidade e a valorização de todas as etnias.

1. ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA DE LEITURA

Este artigo tem como fundamentação teórica a abordagem sociocognitiva de leitura e os fenômenos que sustentam a compreensão de um texto, e envolve o conceito de identidade da cultura afro e afro-brasileira e os estudos sobre a formação leitora. A garantia dos estudos com essa temática nas escolas públicas ainda se apresenta com muita dificuldade, pela ausência de material para todos os profissionais envolvidos.

A língua possibilita a interação social e é na escola, por mediação do professor, que os estímulos e as formas de usá-la para esse fim interacionista são alimentados por histórias que ainda estão subjacentes à sociedade. Segundo Coscarelli (2002, p.11) "as inferências são as informações agregadas à representação de um texto. Estas geradas a partir de informações ativadas durante a leitura". A autora afirma ainda que os processos inferenciais só podem acontecer na realização da compreensão. Dessa forma, o processo de compreensão envolve muitos elementos e pode ocorrer em momentos bem distintos. Espera-se do professor a sensibilidade para o reconhecimento, durante as aulas de língua portuguesa, da necessidade de inferências durante a expressiva narrativa de cordel que aborda a temática afro-brasileira.

Por tratar de identidade e pluralidade cultural, a proposta deste trabalho busca cativar o professor a ser mediador nesta comunicação entre a instituição educacional e as mais diversas vozes por meio das quais a comunidade brasileira é representada. Em uma sociedade como a brasileira, considerar a luta do negro pelo espaço, visibilidade e valorização cultural pode ser algo de percepção simbólica. Segundo Pereira (2007),

estamos cientes de que a geração de práticas educacionais baseadas nas culturas africanas e afrodescendentes (assim como em outros referentes culturais) depende de um sólido conhecimento de suas fundamentações simbólicas, de seus modos de percepção do meio ambiente e de seus sistemas sociais, políticos e econômicos. (Pereira, 2007, p.12).

Isso tudo mostra que as referências pedagógicas ainda são precárias, uma vez que as ações educativas dependem de um alicerce político e de um sistema social econômico que estejam de acordo com a necessidade de incorporar a riqueza cultural e não somente a riqueza material. É uma luta, portanto, da qual a escola participa ativamente, mas que ainda não é proporcional à demanda real. E o povo negro busca, por meio de sua cultura, incorporar cada vez mais instrumentos para este reconhecimento de uma sociedade emancipadora também pela leitura.

Segundo Rojo (2004, p.3), a leitura passa não só pela decodificação de códigos, mas também se configura como ato de cognição e de compreensão que engloba o conhecimento de mundo e das práticas sociais além do conhecimento linguístico. Considera-se então, que a contação de história, da tradição oral africana, possa explorar as condições de resignificação da memória afetiva do aluno e favorecendo-o para uma formação leitora mais legítima.

Vale salientar ainda que, sob a perspectiva da Linguística Aplicada (In) disciplinar, Moita Lopes (2006) argumenta que a agenda dos estudos linguísticos deve se ocupar em

criar inteligibilidades sobre a vida contemporânea ao produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem: os pobres, os favelados, os negros, os indígenas, homens e mulheres homoeróticos, mulheres e homens em situação de dificuldades sociais e outros... (Moita Lopes, 2006, p.86)

Inegavelmente a literatura afrodescendente enriquece as maneiras comunicativas da aula, pois, a partir da análise do contexto sócio-histórico, o professor possibilita diferentes vivências, diferentes saberes para seus alunos, por intermédio da leitura. Determinadas estratégias de leitura, como objeto de conhecimento

em si mesmo, são necessárias para a realização de novas aprendizagens, conforme explicitaremos no item dedicado à análise do cordel selecionado.

2. O TEMPO E ESPAÇO DO GÊNERO CORDEL

O cordel possui muitas nomenclaturas ao longo de sua história. Em cada época, por tantos lugares em que já existiu e coexistiu, multiplicam-se os nomes e vulgos. Pode-se citar como exemplo de expressões para identificá-lo: cordão, guita, barbante, livreto, folheto, livrinho de feira, folhas volantes ou ainda “literatura de folhetos” como denomina Abreu (1999). Pelos dados oferecidos pela Academia Brasileira de Cordel, os povos fenícios, cartagineses, saxões etc. já produziam esse tipo de literatura e que por eles, mais tarde, chegou até a península Ibérica.

Podemos associar a literatura de cordel do Brasil com as manifestações poéticas do século XII em Portugal. O período chamado de Trovadorismo caracterizou-se pela manifestação composicional com uma linguagem predominantemente musical. Os artistas envolvidos até então, chamados de cancioneiros, embora pertencessem à plebe, apresentavam seus cordéis acompanhados por instrumentos musicais de cordas, assim como os cordelistas e repentistas de hoje. Mas naquela época, a presença desses artistas acontecia, em sua maior parte, em ambientes palacianos.

Queiroz (2006) reitera que, na Europa, quem inaugurou no Trovadorismo com canções de caráter platônico, possa ter sido Guilhem de Peitieu (1071-1127). A presença feminina aparecia somente como tema e dualidade de amor não correspondido. No Brasil, as primeiras manifestações de poemas que se aproximam do que é o cordel, pelas vozes femininas e masculinas, aconteceram ainda no período pré-colonial. É o que registra Cascudo (1984, p. 152 como citado em Queiroz, 2006, p. 11).

Os escravos vindos para o Brasil traziam, sobretudo, seus trovadores e também o hábito de contar suas histórias, cantando ou narrando; são os famosos **akpalô** registrados pelos especialistas em estudos africanos (Cascudo, 1984, p. 152, como citado em Queiroz, 2006, p. 11).

Dessa forma, cantar as glórias, os grandes feitos heroicos em guerra, contribuiria para a tradição oral. Trata-se de uma tradição que nunca deveria cair no esquecimento, pois contribui, muitas vezes, para traçar um mapa de ligações biológicas de muitos grupos de indivíduos.

Pelas considerações de Romero (1977), as cantigas sobre amor platônico foram entoadas por vozes femininas; mais tarde, foram registradas como composições masculinas. O caráter feminino desses versos era atribuído aos versos de estrutura leve e a pureza de versos de sensibilidade longe de ser masculina. A tradição oral é uma demanda poética marcada para a tônica do cordel e, muitas vezes, a mulher contribuiu de formas diversas sem ser protagonista. Infelizmente, por muito tempo assim que se construiu na história.

Na primeira metade do século XVI, como já havia sinais dessa manifestação de gênero oral em território brasileiro, particularmente no Nordeste, o cordel se difundiu não apenas com os cantos do negro escravizado, mas também pelos costumes dos próprios colonizadores europeus. Com a prática de leituras em grupos, o cordel se disseminou em diversos cantos do imenso Brasil. É o que confirma Barroso (2006, p. 22):

Durante o período de colonização, essa literatura foi amplamente difundida por toda a Região Nordeste e de lá se disseminou para outras regiões do Brasil, a partir das narrativas orais, das leituras em grupo. Penso que o hábito de decorar histórias, de guardar na memória os acontecimentos da vida cotidiana. Assim, pouco a pouco, foi se desenvolvendo junto ao homem brasileiro, mais especificamente na região nordeste, onde se deu o início da colonização, uma poesia oral com características muito peculiares. (Barroso, 2006, p. 22).

A contação de história na região nordeste passa ainda por uma construção de oralidade raiz, ampliando as possibilidades de se reinventar. Barroso (2006) afirma que a região nordeste possibilitou que a poesia cordelista fosse alcançar novos ares. Sem perder sua essência, ela ainda hoje é encontrada em todo o território nacional, com suas peculiaridades adaptadas por regiões.

A literatura de cordel ressignifica as tramas clássicas tradicionais, feitos históricos de valor universal, recorrentes nos folhetos do Nordeste. Esse volume de histórias que atingiu desde o sertão nordestino para outras regiões, foi fortemente abastecido pelos grandes feitos históricos vindos da Europa.

A popularidade do poema vestido de cordel recebe bem a atenção de gente de todo lugar. A musicalidade e o enredo construído dentro do cotidiano de cada região favoreceram a disseminação pelo Brasil, mesmo com tantas peculiaridades. O cordel teve vários segmentos de abordagem; religiosa, épica, mitológica, política, mas é a competência da oralidade que promoveu a infiltração em tantos lugares do Brasil.

O cordel acaba sendo um material didático, sem o compromisso em sê-lo. Muitas vezes, torna-se instrutivo e educativo na caatinga nordestina, ou até mesmo na favela participa como um instrumento pedagógico importante. Assim como os repentistas que atuam com textos de cordéis, a batalha de rap pode fazer do convívio em rodas de leitura um processo de letramento desproposital, o que seria uma forma educativa. Para referenciar mais uma forma educativa do cordel, temos verificado os versos de Arraes (2017, p. 38) sobre Carolina Maria de Jesus

O que mais ela gostava
Era ler, era escrever
Sendo maior passatempo
E registro do viver
Nas palavras mergulhava
Para assim sobreviver.

Como era catadora
Pelos lixos encontrava
O papel e o caderno
Que por fim utilizava
Como o famoso Diário
Onde tudo registrava.

Com a história de Maria Carolina de Jesus narrada em cordel, a possibilidade de uma leitura que tenha o caráter educativo pode acontecer por trazer uma personagem inspiradora que valorizava a leitura. O cordel propõe muitas nuances alegres, tristes, mas sempre há de se aprender com um caráter melancólico, reflexivo ou divertido. E a história de Maria Carolina de Jesus sustenta uma saga de heroísmo que traz todas essas vertentes.

Abreu (1999) analisou documentos importantes tanto em Portugal, quanto no Brasil, para analisar as origens e transformações do cordel. Em seu trabalho, a autora definiu "as características fundamentais dessa literatura chegando-se a uma forma canônica" (Abreu, 1999, p. 73). Ela desmistificou a ocorrência de que a forma artística do cordel no Brasil pudesse ter relação com a de Portugal, já que a forma verbalizada dos portugueses tinha caráter editorial, e com isso se distanciava do caráter literário.

O tempo e o espaço são segmentos de aproximação para entender as escalas do cordel até chegar ao que temos hoje no cenário literário. A literatura, no que diz respeito à ampla circulação, conquistou um espaço no tempo da cultura brasileira reconhecida de forma sólida, com a contribuição do gênero cordel firmemente consagrada. Porém, não tão valorizada e estudada no ambiente escolar.

A relação de tempo e espaço poderia ser estudada nas escolas, a partir do cordel, como uma forma de entender as representações do mundo. O aspecto indissolúvel de espaço e tempo não se enquadra somente aos estudos de literatura, mas em toda manifestação artística. Aliás, o cordel tem em sua construção vínculos artísticos que merecem muito a atenção no plano de aula de diversas disciplinas. O tempo e espaço correspondem como linguagens que os tornam para a cultura um segmento único e perceptível.

Além do aspecto da musicalidade poética, o cordelista ainda tem a necessidade itinerante, tanto para enveredar-se por novos conteúdos de criação, quanto para expor seus textos para novos públicos. Da mesma forma que o cordelista, o trovador, com suas produções direcionadas tanto para os nobres, quanto para o povo de hierarquias diferentes, soma qualidades de funções amplas também, tais como: informar, descrever, encantar, divertir, homenagear ou com muita propriedade, também satirizar.

3. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse trabalho, foi muito importante resgatar alguns questionamentos que visavam impulsionar as aulas de Língua Portuguesa, principalmente nos momentos em que a leitura se difundia nos diversos segmentos de uma aula. Conforme afirmamos anteriormente, uma questão muito importante neste momento foi ter observado a ausência de conteúdo afro-brasileiro nos materiais didáticos de Ensino Fundamental nas escolas e nos cursos de formação oferecidos pela própria Secretaria de Educação do estado de São Paulo.

Quando começou a chegar material com temas específicos de cultura afro-brasileira nas escolas, a partir de 2003, com a justificativa da implementação da Lei 10.639/03, percebemos que não era suficiente ter em mãos apenas o material. Uma forma de pensar ainda precisava ser desenvolvida nas aulas. Por isso, a proposta de leitura com esses textos, abordando a cultura afro e afro-brasileira, deve ser mais frequente e bem construída a ponto de facilitar o olhar dos/as alunos/as para ressignificação de uma identidade brasileira que preservasse a pluralidade.

Para esse compromisso, a leitura de textos com a temática voltada para a cultura afro e afro-brasileira somente em novembro, quando acontece a semana da Consciência Negra, justificada pela data, 20 de novembro, torna-se uma ação ainda insuficiente, pois a cultura afro deve estar presente todos os dias letivos do ano. E não é somente nas aulas de Língua Portuguesa, História Sociologia e Artes. Essa temática precisa alcançar o que realmente a lei pretende garantir, que é acessibilidade e conhecimento sobre a cultura africana e afro-brasileira possibilitando as reflexões permanentes para consolidar ações afirmativas.

Esse contexto permitiu escolher o livro de Arraes (2017) para ser estudado com o objetivo de desenvolver uma sequência didática envolvendo o gênero cordel, a cultura afro-brasileira e as mulheres negras que se destacaram na história do Brasil do período pré-colonial ao século XXI. Este livro foi escolhido para a realização desta pesquisa porque a própria Jarid Arraes, em entrevista ao blog O Povo, faz o seguinte questionamento:

É um fato grandioso, admirável, que deveria ser contado nas escolas. Por que não é? Se aprendemos sobre os reis e príncipes que estiveram no Brasil, por que não sobre a rainha Tereza de Benguela e seu quase-país tão bem-sucedido?

Para que essa sequência fosse elaborada, pensando em construir pontes entre o passado de raízes afros e um presente cheio de discriminação, foram apresentados dados históricos sobre a diáspora negra que me permitiram enriquecer a sequência didática com a culminância de uma apresentação de declamações de cordéis sobre as heroínas negras do Brasil, escritos por Arraes.

No decorrer do século XX, vários segmentos de pesquisa da área da educação começaram a engajar seus estudos sobre a forma de ensinar e de aprender a língua materna. Pautado em ações e contextos escolares, Zabala (1998) reafirma o fato de ser o aluno um ser integral, ou seja, é necessário levar em consideração as situações

de experiência de comunicação.

Sabemos que a realidade atual tem sido marcada pela descaracterização do/a professor/a detentor/a de saber, para um/a mediador/a da aprendizagem. A valorização do/a aluno/a deve ser realizada de forma integral, de modo a fundamentar valores para as relações estabelecidas tanto na escola como na sociedade.

Portanto, de acordo com Costa (2004), o aluno é o protagonista de sua aprendizagem e deve-se valorizar o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas em vez de rápida memorização de conteúdo.

4. ANÁLISE DO CORDEL

Considerando um estudo sobre a composição, o cordel sobre Carolina Maria de Jesus possui uma organização dos versos em sextilhas, ou seja, cada estrofe possui seis versos. Observamos também que graficamente o início dos versos está posicionado de forma irregular. Essa assimetria se estende para todos os versos que estão paginados do lado direito do livro, o que poderia ser apenas uma interrupção gráfica de impressão, mas com essa irregularidade, podem também ser exploradas significações para interpretar o cordel como uma arte que não se limita às formas fixas esperadas, muitas vezes, pelos leitores em geral.

O conteúdo temático, dentro da concepção bakhtiniana, procura, de alguma forma, uma ação responsiva de seu interlocutor. O tema não é necessariamente o assunto, mas depende de uma condição situacional para a elaboração dentro desse conjunto de elementos. Como afirma Bakhtin (2003), a temática assume as diferentes atribuições de sentidos e seus recortes possíveis para um dado gênero do discurso.

A história de Carolina Maria de Jesus é retratada no terceiro cordel apresentado no livro. Trata-se de uma mulher que marcou sua época pela força e coragem em conquistar seu sonho de ser escritora e oferecer o melhor aos seus filhos. É possível observar, na primeira parte do cordel, a apresentação da personagem, trazendo informações de sua trajetória por meio de adjetivos tais como **ignorada e explorada**.

Essa é uma escritora
Que já foi **ignorada**
E durante a sua vida
Foi também muito **explorada**
Mas por muitos, hoje em dia
É com honras adorada.

Sua história verdadeira
Começou em Sacramento
Na rural comunidade
Foi de Minas um rebento
Era o ano de quatorze
Inda mil e novecentos.

Pouco tempo se passava
Desde o fim da escravidão
E, portanto, o que existia

Era a dor da servidão
O racismo dominava
Espalhando humilhação.

A personagem ainda está sendo construída dentro de uma perspectiva de miséria, mas que, ao mesmo tempo, evidencia uma resiliência ao se deparar com tantas dificuldades. A compreensão pela identificação de palavras-chave pode ser uma forma de analisar os versos abaixo. Mais uma vez, os verbos no particípio passado direcionam para uma construção de ideias sobre as dificuldades de Carolina.

Sua mãe era solteira
Pela igreja **excomungada**
Pois o homem era casado
E findou **abandonada**
Com a filha pra criar
E por muitos **execrada**

No ano de trinta e sete
Carolina então mudou
Para a capital São Paulo
Onde muito batalhou
Construiu o seu barraco
E ali se instalou.

Na favela Canindé
Sua vida foi **sofrida**
A maior luta diária
Era a busca por comida
Uma vida **esfomeada**
Sempre muito **deprimida**.

Nesse momento vão se confirmando mais informações sobre Carolina e, ao mesmo tempo, outras hipóteses são levantadas. Embora tivesse três filhos, uma questão surge: Por que jamais quis se casar? No decorrer da leitura, espera-se a confirmação das hipóteses que se manifestam pela palavra liberdade, que pode ser usada para responder à pergunta já mencionada. Trata-se, então, de conceitos hipotéticos que podem ser confirmados.

Carolina ainda tinha
Três filhos para cuidar
Todos de pai diferente
Pois jamais quis se casar
Só pensava em liberdade
Pra fazer seu desejar

O que mais ela gostava
Era ler, era escrever
Sendo maior passatempo
E registro do viver
Nas palavras mergulhava
Para assim sobreviver

Como era catadora
Pelos lixos encontrava

O papel e o caderno
Que por fim utilizava
Como o famoso diário
Onde tudo registrava

Uma dimensão social é observada no contexto abaixo: aparece uma nova personagem para dar apoio à protagonista. Para uma narrativa, cria expectativa de trazer um fato novo para o mal ou para o bem. Por se tratar de um jornalista apresentado na narrativa com a expressão "**num tal dia por acaso**", torna o discurso narrativo propício para uma reviravolta.

Na favela onde vivia
Carolina prontamente
Em relatos escrevia
Irritando seus vizinhos
E causando agonia.

Nem por isso ela parava
Precisava escrever
E sonhava com sucesso
Com dinheiro pra comer
Pois a vida da favela
Ela não queria ter.

Num tal dia por acaso
Um jornalista apareceu
Na favela onde morava
Carolina e filhos seus
Ele ouviu a confusão
E a escritora conheceu

É com a ajuda do jornalista que Carolina consegue uma ascensão na vida. Finalmente ela consegue sair da favela e publicar seu livro. Nessa análise, uma relação das personagens comunga para o mesmo objetivo. Palavras como "**no momento**", "**depois**", são as marcas temporais importantes neste trecho, pois enfatizam os fatos vitoriosos de Carolina, após a aliança com o jornalista.

No momento, Carolina
Com a escrita amaçava:
"Vou botar no meu diário"
Carolina assim gritava
O jornalista interessado
Foi saber o que rolava.

Então soube dos cadernos
Que Carolina escrevia
Ficou muito impressionado
Com o valor que ali continha
E **depois** de muita espera
O seu livro aparecia.

Foi o “Quarto de despejo”
 O primeiro publicado
 Um sucesso monstruoso
 Tão vendido e aclamado
 Carolina fez dinheiro
 Com o livro elogiado.

O valor expressivo dos elementos que compõem o cordel possui, obviamente, a intenção da escritora, ou seja, há um tom valorativo, mas é no leitor que se constrói a significação pelas suas experiências de vida, pela sua história, pela sua vivência. Dessa maneira, os versos abaixo destacados, tomados como exemplos, podem ser interpretados por cada leitor de formas bem diferentes. No primeiro verso, por exemplo, “**Sua obra era importante**”, a valorização lexical da palavra **importante** neste contexto pode sugerir importância dos registros de Carolina apenas no aspecto afetivo; para outros tendência para um propósito de denúncia social, e para outros ainda, como uma circunstância ideológica.

Quanto à expressão “Mas **por causa do sucesso**” pode ser compreendido pelo leitor não apenas pelo valor de dinheiro, como está exposto no verso que segue, mas pode apresentar também reconhecimento, popularidade e fama. Já em “**Era a grande exploração**” temos uma ideia bem diversificada pelo uso do adjetivo **grande** antes do substantivo, provocando a dramaticidade causada pela palavra **exploração**.

Sua obra era importante

Pela vil realidade
 Que ali estava exposta
 Tal ferida da cidade
 A favela e a pobreza
 De Carolina a verdade

Mas por causa do sucesso

Do dinheiro que ganhou
 Carolina finalmente
 Da favela se mudou
 Numa casa de tijolos
 Com seus filhos habitou

O problema, no entanto

Era a grande exploração

Carolina se sentia
 Como fosse na prisão
 Pois bem mais ela queria
 Enfrentando impedição.

Carolina conseguiu publicar mais dois livros, mas não obtiveram vendas, pois ela se posicionava contra a exploração que existia na época, criticando os problemas causados pelas diferenças de classe social. Uma figura de linguagem contribui para a construção dessa crítica: ao usar a palavra “**amargo**” referindo-se a um substantivo abstrato “**esquecimento**”, uma metáfora é criada com intenção de apontar um declínio na vida de Carolina. Observa-se, neste momento, uma descensão: uma escritora que consegue o sucesso, mas, em uma sociedade elitista, acaba tendo uma estrutura de vida fragilizada:

Desejava até cantar
Mais um livro ela escreveu:
"Casa de Alvenaria"
Cheio de relatos seus
Sobre a vida que mudava
E o que mais lhe aconteceu.

Mas aí já não gostaram
Por imensa hipocrisia
Pois Carolina contava
Os Males da Burguesia
E o **amargo** esquecimento
Logo mais se chegaria

Carolina até tentou
Publicou material
No ano de sessenta e três
Mais dois livros afinal
Mas estava ignorada
Novamente marginal.

Nas ocorrências seguintes, observa-se uma narrativa circular, isto porque as circunstâncias que a protagonista viveu no início da narrativa se repetem no desfecho:

E de novo catadora
Acabou no sofrimento
Só depois de sua morte
Teve o reconhecimento
Com o "Diário de Bitita"
Grandioso documento.

Recomento que pesquise
Muito mais dessa escritora
que era mãe, era poeta
Era forte inspiradora
E ainda era uma artista
Com talento de cantora.

Por racismo e elitismo
Pouco dela hoje se fala
Mas tamanho preconceito
Seu legado jamais cala
É por isso que eu lembro
e meu grito não entala.

Nos versos seguintes, mais uma vez, a metáfora se encarrega de trazer para a linguagem uma intenção de encantamento e ludicidade com a palavra "**tesouro**". Neste contexto, a palavra "**tesouro**" traz intenção interpretativa de algo raro, que merece ser mais valorizado pelas sucessivas gerações que conhecerem essa história.

Carolina é um **tesouro**
Para o povo brasileiro
É orgulho pras mulheres
Para o povo negro inteiro
Referência como exemplo
De valor testamentário.

Muito mais há publicado
Sobre a vida da escritora
Os seus livros de poemas
De provérbios pensadora
Abra o seu conhecimento
Que ela é merecedora.

E por fim com muito orgulho
O cordel já vou fechando
Com sinceridade espero
Que termine interessando
Se você não conhecia
O que estive aqui contando.

Carolina eternamente
Uma imensa inspiração
Uma força grandiosa
E também validação
A mulher negra escritora
Que despeja o coração

Temos, neste desfecho, informações relevantes para considerações acerca do dialogismo. A importância inegável da escritora Carolina passa por muitos discursos de outras gerações e que, possivelmente, não finalizam nesta obra conforme demonstram os versos: “**muito mais há publicado/sobre a vida da escritora [...] Carolina eternamente uma imensa inspiração**”. Esses versos constroem uma ideia dialógica de que uma aliança de sentido pode ser tecida por enunciados já existentes.

CONCLUSÕES

O artigo apresentado teve, como objetivo, articular pressupostos teóricos acerca de uma abordagem sociocognitiva da leitura com uma proposta prática de leitura e compreensão do gênero discursivo cordel usando a cultura afro-brasileira, conforme preconiza a lei 10.369/03. Faz-se necessário ampliar a visão que muitos educadores possuem quanto ao poder transformador da literatura por intermédio da leitura de história afro-brasileira, pois o professor é o elemento mediador fundamental que pode estimular esta formação leitora. Alinhando habilidades leitoras, em que a expressividade estimula tantas outras potencialidades, é possível oferecer a todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem uma ampliação de sua visão de mundo e de criticidade no ambiente escolar.

É este o papel da leitura vinculada a uma formação de leitores mais autônomos que poderão desenvolver potencialidades. Assim, fica o mérito do professor de construir particularidades de inspiração para cada aluno seu, de diferentes maneiras, mas que dialoguem entre si. A leitura contribui principalmente quando se tem uma atividade bem preparada em que ela possa ser uma prática de compartilhamento de saberes entre próprios educandos.

Ainda há muito o que se constituir, além do esboço aqui apresentado. A maior reflexão que se estabelece com a experiência proposta por este artigo é que a busca diária sem planejamento, para desenvolvimento de conteúdos, pode sufocar as maneiras mais simples e significativas de levar os alunos para um aprendizado ainda maior, partindo deles mesmos. Durante uma atividade de leitura como essa, a construção de sentidos fica muito mais livre e passível de ser consolidada pela realidade do aluno sem as possíveis censuras do professor. Reconhecer isso e enfatizar para outras aulas é, sem dúvida, um mecanismo proveitoso para a formação do leitor.

REFERÊNCIAS

- Abreu, M. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- Arraes, J. *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.
- Bakhtin, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Brasil. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Recuperado de [http:// basenacionalcomum.mec.gov.br](http://basenacionalcomum.mec.gov.br)
- Barroso, M.H. *Os cordelistas no Distrito Federal: dedilhando a viola, contando a história*. 2006. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2006.
- Cascudo, L. C. *Literatura oral no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- Cashmore, E. *Dicionário de Relações Étnicas e Raciais*. São Paulo: Selo Negro/Summus, 2000.
- Coscarelli, C.V. (Org). *Novas Tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- Costa, M. C. C. *Educação, imagem e mídias*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003.
- Moita Lopes, L. P. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- Pereira, E. A. *Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendente e educação*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- Rojo, R. *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania*. São Paulo: SEE: CENP, 2004.
- Romero, S. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. Petrópolis, 1977.
- Solé, I. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- Souza, M. M. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2007.
- Walsh, C. Lo pedagógico y lo decolonial: Entretejiendo caminos. In: Walsh, Catherine (Ed.). *Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.